



PROJETO PERFORMÃ

entrevista

TERESINHA SOARES

por Marcelo Asth

A arte de Teresinha Soares é pulsante. Sua vasta produção, em multiplicidade de linguagens e formatos, se deu no período de 10 anos, contando do ano de 1966 ao ano de 1976. Em abril de 2017 ganhou mostra de sua trajetória artística, uma exposição de obras e fotografias em dimensão inédita no MASP – o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Hoje, com 89 anos, Teresinha não cria arte, mas rememora, conta suas histórias e se mostra satisfeita com o seu caminho trilhado e com o reconhecimento de sua obra.

A vida de Teresinha é essa sua obra: o pensamento sobre a mulher, a liberdade de ser em sua relação com o corpo, o questionamento à sociedade e sua normatividade, a leitura de signos trabalhando em camadas. A jovem Teresinha Soares da década de 1970 usava *smoking* em bailes de gala em Belo Horizonte. Essa performance cotidiana não era assumida como arte, mas era seu posicionamento político – vale lembrar, no período militar, na conservadora Minas Gerais. Quem tinha medo de Teresinha Soares e de sua transgressão? A mulher é o centro de seu pensamento e de suas obras, híbridas manifestações da artista: através de pinturas, objetos artísticos, poemas, crônicas, performances, *happenings*, instalações, cenografias e ações no teatro. Tudo o que Teresinha cria é ela como é, assim como afirma na presente entrevista, que o Projeto Performã disponibiliza com prazer:

"Sempre fui ousada, sempre fui muito crítica, sempre gostei de rir de mim, rir das minhas bobagens, então acho que sou muito autêntica, não tinha medo, confiava em mim e achava que o que eu fazia estava bonito."

Teresinha Soares é considerada uma das primeiras performers brasileiras, mas há mais de 40 anos não produz mais arte. Encontrei com Teresinha para que ela colaborasse com esse rico conteúdo que comporá a minha tese de doutorado. Fiz perguntas referentes a obras suas e outras perguntas mais específicas sobre a relação da artista com o tempo, a finitude em sua obra, e a performance em sua época.

Teresinha Soares é artista, poeta, pintora, performer, feminista. Foi vereadora em Araxá, cidade em que nasceu em Minas. Como sempre buscou ser uma mulher independente, o feminino e sua relação com a sociedade foram a tônica de suas obras e variadas formas de criação e expressão que marcaram sua trajetória.

A entrevista com Teresinha Soares foi realizada no dia 4 de julho de 2016, na sala de reunião do Hotel em que Teresinha estava hospedada naquela ocasião, no Rio de Janeiro.

O Projeto Performã tem o prazer de compartilhar suas palavras nessa entrevista, desejando a todos uma agradável leitura!

Marcelo Asth – Você gostaria de começar talvez falando um pouco de sua trajetória na arte?

Teresinha Soares – Eu queria falar primeiro sobre o desenvolvimento do meu trabalho, que é neste ponto X, a *Caixa de Fazer Amor*. A partir daí eu fiz *Camas* – eram 3, separadas, com seus colchões nas cores dos 3 times, Seleção Canarinho, Flamengo e Atlético MG. O assunto, sobre o futebol... tudo dentro daquela brincadeira: “ela me deu a bola!”, quer dizer, “ela gostou de mim, se interessou...”. *Camas*, foi minha 1ª obra que coloquei no chão. Depois as *Bandejas*. Nelas coloquei alimentos perecíveis também. Uma brincadeira de criança: “*Um-dois, feijão com arroz, três-quatro, farinha no prato*”, eu acrescentei: “*cinco-seis, sol, sal e areia*”¹, porque o mineiro sempre foi apaixonado pelo mar. (*risos*) Aí eu trouxe o sol de lá e a areia, para as bandejas. Fechadas apareciam corpos de mulher. Sempre o corpo de mulher está presente no meu trabalho. E é um corpo esfacelado, ele não tem braços, nem pernas. Mas tem a figura, o seio que define... o corpo. E nas *Bandejas*, dentro delas havia arroz, feijão, amendoim,. Fiz o garçom sair com uma delas oferecendo o amendoim para os presentes. Então, eles ficavam chocados! Em todas as bandejas tinha um corpo de mulher, era como se eu estivesse oferecendo a mulher como objeto de desejo. Depois parti para *Corpo a Corpo*, que são módulos gigantes, e que na verdade, veio de uma ideia de um álbum erótico que fiz, que se chama *Eurótica*, porque eu acrescentei o “eu” para personalizar a mulher: eu, erótica. E nesse álbum, um dos desenhos eu transferi para uma obra enorme de mais ou menos 20m quadrados. São módulos de madeira, pintados de branco que você pode formar uma espécie de corpo. Acho esse trabalho um dos meus mais significativos, porque ele é multimídia. Esse trabalho tem expressão corporal (são duas mulheres muito bonitas com um rapaz), um texto – do Dr. Jota d’Angelo, que se dedicava ao teatro, diretor e também médico. Ele gravou um texto científico desde o nascimento da célula até a morte. E durante esse texto eu intercalava com poesias minhas sobre a morte – gravei junto com ele. Além disso tem a luz projetada com sombras, como se fossem células se mexendo. Água e óleo, na luz, eles vão aumentando, se juntando... é muito bonito esse trabalho. São três atores que fazem essa performance, se juntam, se separam, como se estivessem se amando, em grupo, sozinhos, mulher com mulher, homem com mulher, os três juntos...

Marcelo Asth – Essa obra foi refeita há pouco tempo...

Teresinha Soares – Ela foi criada em 1970. Mais tarde refeita. Meus trabalhos, infelizmente, eu perdi todos eles, só tenho a *Caixa de Fazer Amor*, *Corpo a Corpo in Cor-Pus Meus* – e *Altar do Sacrifício*. Depois do *Corpo*, eu fiz os *Túmulos*, de 1972. Os *Túmulos* são divididos em três etapas: o *Nascimento*, a *Morte* e a *Ressurreição* - que é muito baseado na cultura religiosa, a nossa perspectiva da morte, da ressurreição, dos céus, de obter graças, de estar com Deus, Jesus, é isso... então para o *Nascimento*, por acaso, ele foi exposto no Museu de Artes da Pampulha no dia 12 de dezembro, que é aniversário da minha filha mais nova, e aconteceu justamente isso, o nascimento da obra e a festa do aniversário dela... tem muito humor e nesse trabalho tem muito oposição entre o sagrado e o profano. São dois túmulos geminados, em um eu deles pus mineral rosa e no outro, verde. No meio deles escrevi meu epitáfio: “*Plantaram-me alface e eu as comi todas*”. Numa das cruzes saía o chopp e na outra tinha um papagaio. Três gavetas na frente com corpo recortado de mulher. Em uma delas a linguixa, na do meio o queijo (com faca e garfo para as pessoas comerem meu coração ofertado em comunhão) e na terceira, várias dentaduras – que consegui com um dentista, em gesso, e serviam para identificar o morto. O papagaio seria o *non sense* da festa, da morte, porque no interior o morto fica velado, em casa. As pessoas passam a noite tomando bebidas, comendo,

¹ Em referência à sua obra “*Um-dois feijão com arroz, três-quatro farinha no prato, cinco-seis sal, sol e areia*” - (*Bandejas*, 1971)

rindo, contando anedotas, enquanto o morto está lá. Era um momento bom pra gente namorar, pois a família nos permitia passar a noite lá. Então, esse papagaio é o *non sense*. E o *chopp* que é a bebida, todo mundo bebendo, todo mundo alegre, todo mundo feliz. No velório, uma pinguinha... passava um frio danado, a gente tomava pinga, ficava alegre, era muito bacana! Você sabe que a gente tinha prazer de ir ao cemitério? Nós éramos desde pequenos acostumados a ver as pessoas morrerem em casa, nós tínhamos uma relação muito íntima com a morte.

Marcelo Asth – Porque parece que hoje até existe um certo tipo de assepsia em relação a este assunto, em que já chega o serviço, você não assiste a nada...

Teresinha Soares – Virou profissional, não é? A pessoa se está no hospital, eles mandam direto para o preparo do corpo e encaminham para a casa mortuária, ... E nessa obra " Nascimento" houve uma coisa muito interessante. Porque o Bispo Dom Marques Barbosa, que é mineiro, um literato, muito inteligente, trabalhava em São Paulo... publicou no Jornal do Brasil, um artigo "Minas não há mais ". Falou de Minas Gerais, que estava tudo virado de cabeça para baixo na sociedade, dentro de nossos costumes, da religião... e estava passando no teatro uma peça *Oh, Minas Gerais*, que era muito engraçada e crítica. Sobre o meu epitáfio, ele falou: "uma certa senhora, da sociedade..." Escrevi-lhe uma carta que li ao público, na minha exposição no Rio de Janeiro, onde ganhei prêmio apresentando esse túmulo. Expus-me deitada no chão coberta de poesias, em 1973, antes da Bienal de São Paulo. *Corpo a Corpo* e o álbum *Eurótica* também estiveram na Bienal de São Paulo. Então, no *Túmulo*, em 1973, fiz a parte da Morte: me postei no chão vestida toda de preto e fiquei coberta de poesias sobre a minha morte. E foi uma dificuldade eles me descobrirem! Eu já estava assim... passando mais de meia hora deitada e ninguém teve ideia de retirar alguma poesia e me descobrir entre elas.! Quando eu era criança e morava no Rio, qualquer pessoa que morria no trânsito, ou matavam, ficava coberto de jornal e tinha uma vela ao lado – a vela não coloquei –, mas coloquei minhas poesias... e encorajados começaram a se animar, pegaram para ler. E de repente, apareceram fios do meu cabelo. Aí me descobriram. Foi um auê!

Marcelo Asth – É o revelar da performance!

Teresinha Soares – Depois em Belo Horizonte, na Pré-Bienal quando foram escolhidos os artistas, eu fiz a terceira parte, que foi a *Ressurreição*. No interior, nas festas religiosas, a gente sempre se vestia de anjo... era tão bonito... e a mamãe sempre me vestia de azul claro. Eu ficava por conta! Eu queria me vestir com outra cor, éramos várias irmãs e cada uma tinha sua cor! Aí na obra eu me vesti de preto, pinte o rosto e coloquei asas. E na mão fiquei postada em pé, no chão pus as poesias, sobre elas as linguças e fiquei como a Estátua da Liberdade uma crítica à época dos militares. Uma brincadeira... com um queijo desse tamanho, grande, na mão. Uma maquiagem barroca... Eu contratei uma ambulância. A ambulância veio fazendo aquele barulho, sireneando. E o Palácio das Artes superlotado, apresentava vários eventos além desse, Orquestra Sinfônica... Então todo mundo correu, o pessoal viu entrando enfermeiros com aquela maca: "quem é? O que aconteceu? Quem caiu? O que houve?" De repente os enfermeiros param no meu trabalho, consertam o travesseiro, arrumam, pegam as linguças, colocam na maca e saem. *Ressurreição*, que é a terceira parte da obra. A ambulância levou meus restos mortais. A performance provocou: "essa mulher está doida! Isso é arte? Isso não é arte?"

Marcelo Asth – E nesse cenário, existia também uma vanguarda atuante em Belo Horizonte que aplaudia o seu trabalho?

Teresinha Soares – Tinha sim. É muito interessante, porque surgiu numa época em que eu já tinha quase 40 anos, nunca havia trabalhado com arte, casada já com cinco filhos... Comecei com o teatro depois que minha última filha nasceu. E foi o teatro que me abriu o horizonte, que me mostrou a capacidade que eu tinha de aparecer de várias formas. Eu viajei muito para o exterior, visitei muitos museus, gostava de apreciar, queria saber mais de Arte, então com o teatro eu tive uma abertura muito grande. Me convidaram e fiz *Sonhos de Teodoro*, fumava cachimbo, deitava no sofá, um homem tomava champanhe no meu sapato... foi meu primeiro papel! Falei: "Gente! Que coisa boa! Eu posso ser outra pessoa! Eu posso sentir o que ela sentiu!" Isso é muito interessante! E isso me influenciou muito.

Marcelo Asth – Você traz uma multiplicidade em seu trabalho... Pode falar mais sobre?

Teresinha Soares – Fiz literatura. Depois de 5 filhos fui para a faculdade, em 72 eu estava: fazendo teatro, a obra *Túmulos* e estudando.. Tudo ao mesmo tempo. Escrevia crônicas, fazia poesia, escrevi um livro infantil, *Luno e Lunika no País do Futuro* (Prêmio Christiana Malbourg). Produzi a peça, fiz a cenografia e foi o único trabalho que consegui vender e conseguir dinheiro, pois meu trabalho sempre tinha muitas coisas percíveis e também efêmeras. Não só efêmeras, mas também pelo tema. Quem vai querer levar um túmulo para casa? (risos) Quem vai querer levar um objeto que tem 20 metros de tamanho. Depois dos *Túmulos*, eu parti pra uma coisa totalmente diferente, para arte ecológica: *Circo e Montanha*. Lá perto de casa, onde morava, no Santo Agostinho, havia um circo numa praça grande – hoje bem diferente, bem modificada. Mas nessa praça esse circo era destaque. Dirigindo meu carro, nessa rua bem comprida, fui observando que à medida que me aproximava mais, a tenda do circo crescia e começava a tomar o formato das montanhas. Até que uma hora o próprio circo vira montanha. Então eu fiz a fotografia, utilizei o espaço do Museu de Arte Moderna, na Pampulha e armei. A boate do espaço, linda! Lá tem no piso luzes coloridas piscando, uma pista de dança, e no palco, ao invés das pessoas ficarem dentro do circo, ficavam de fora. Eu armei um planejamento no alto do teto, como se fosse uma montanha aberta. Entrávamos. Havia música, as pessoas dentro dançando. E no palco fiz uns pôsteres grandes mostrando uma nova paisagem. Uma modificação nossa da natureza, das montanhas que cercam Belo Horizonte.

E por último, fiz o *Altar do Sacrifício*. Escrito na frente do altar "VER – VERDE - VERDADE"... um grande tronco sobre carvão representava o corpo morto de Cristo. A nossa cultura de beija-mão em Minas... vão até onde Cristo está depositado depois da sexta feira da Paixão. Foi em 76. Depois encerrei minha carreira artística e nunca mais quis fazer nada, nem desenhar. E o meu trabalho é tão grande, eu tenho tanta coisa lá em casa guardada, desenhos, gravuras, pinturas. Esses trabalhos que citei, não é?? Mas, todos deixei guardados por muito tempo, encaixotados. Convidada para a exposição no MASP, vou mexer nas coisas e eu descubro... "gente, eu fiz tudo isso? Não acredito".

Marcelo Asth – Qual a sua relação com esses objetos que ficaram?

Teresinha Soares – Eu tenho *A Caixa de Fazer Amor*, tenho uma outra muito bonita que é a *Procissão do Encontro* – são peças brancas muito bonitas, essas eu dei para meu filho. Então estão na casa dele. Eu

tenho uma sala que eu fechei, que tem mais de um ano que não vou lá, nem sei o que tenho lá! (*risos*) Mas eu sempre dei, eu dava tudo. Nunca ligava para guardar e agora que eu fui olhar e descobri tanta coisa! As minhas coisas se perderam pelo caminho. Essas *Bandejas* eu mandei para o Salão Global, não recebi de volta. Eu nem ligava, fazia e queria mostrar, se não voltasse, naquela época eu não estava nem aí! Os *Túmulos* foram devolvidos para o Palácio das Artes. Aí o Palácio das Artes pegou fogo e não sei mais deles. E com o tempo... *Corpo a Corpo in Cor-pus Meus* era muito grande, onde eu iria guardar? Um lugar para pôr é muito dispendioso. Que fazer? Ele foi doado ao MASP. Está lá.

Marcelo Asth – Qual a importância do corpo em seu trabalho? O que o corpo diz na performance?

Teresinha Soares – O corpo pra mim foi o motivo mais importante da minha redescoberta como mulher. No nosso ambiente familiar, de cultura religiosa, da cultura de tradição, “Deus, Pátria e Família”, quando não se pode nem manusear seu corpo, você não se conhece, você não se vê. Você sabe que existe, você sente suas partes, mas, não pode nem se olhar no espelho... não tem essa liberdade. Foi a presença no teatro que me deu uma abertura, uma consciência de que eu dona de meu corpo, de ser outra pessoa, que eu podia me transformar. No casamento mais tradicional, as pessoas não discutiam sexo com o marido. E eu queria ser parte ativa, não queria ser objeto. Todas essas coisas foram se formando dentro de mim e foi aquele grito de liberdade, a vontade de pôr pra fora tudo isso em prol não só do meu corpo mas em prol de todas as mulheres, que elas pudessem ter desejo tanto quanto o homem, que não deviam se submeter às coisas, ter prazer e não se sentir culpada por sentir desejo. E querer gozar. O sexo é um tabu, continua até hoje um tabu. Então minha arte vai para o lado da mulher, em todos os artigos que escrevi, na arte, nas poesias... eu me revelo. Sem vergonha, com audácia, sem medo. Isso eu acho muito importante.

Marcelo Asth – Você me contou antes da entrevista um pouco sobre o seu marido, que te ajudava bastante, era uma parceria que te apoiava em todas essas ações.

Teresinha Soares – Impressionante! Porque ele era advogado e era muito inteligente, ele foi presidente do Jornal Estado de Minas, era jornalista. Então, me casei com 29 anos, porque eu queria casar com uma pessoa que fosse inteligente, que eu admirasse... não queria casar com qualquer pessoa só por casar. Nosso casamento foi interessante, sempre me perguntavam: como é que ficaram 60 anos casados? (*risos*) Os meus filhos falavam: “papai é água, mamãe é vinho!”. “Papai é dia e mamãe é noite!”. Como é que isso deu certo? Isso eu não sei também. E nós viajamos muito. Sempre fui muito corajosa, gostava de aventura. Curiosa de descobrir alguma coisa. E ele era mais sensato, mais quieto, centrado. Isso foi muito bom porque eu acho que eu colori a vida dele e ele me deu mais segurança. Como a gente tinha uma vida financeira tranquila eu pude fazer a minha arte, ele foi o meu mecenas, ele que me patrocinava. Eu tinha a liberdade de fazer o que eu queria, não tinha uma arte que eu fazia voltada ao público, para comprar. Então foi muito bom nesse sentido também, porque se eu não tivesse o apoio dele, não teria realizado. Gastar o que gastei. Mandar para o salão, em caminhão, tinha que fazer seguro... era muita coisa! Eu tinha que viajar... quantas vezes fiquei fora, por quanto tempo larguei as crianças, os meninos... e acho que foi esse o motivo que me fez largar a pintura, o trabalho, porque eles já estavam com idade de 14 anos, crescidos. Eles estavam já nessa idade, *teenager*, e é uma idade que faz falta a mãe do lado, o conselho, a abertura. Eu quis criar meus filhos, tanto homem, quanto mulher, a mesma coisa. Nunca fiz distinção. Até uma vez fui chamar a atenção do meu filho e ele respondeu: “mamãe, não faço nada que minha irmã não faça.”.

Para ele me falar isso, quer dizer que eles eram tratados da mesma forma. Eu tive uma abertura muito grande com meus filhos e eles também comigo.

Marcelo Asth – O que te motivava a fazer uma performance?

Teresinha Soares – Não sei, parecia que já vinha tudo pronto. Vinha. Para fazer esse trabalho, *Ressurreição*, tive que arranjar um diretor, para me pintar, me arrumar, umas pessoas que fizessem linguiças especiais – umas mais grossas, outras mais finas –, um dentista, o papagaio, o *chopp*. É uma estrutura, mas a ideia veio completa, até as cores, rosa e verde, bem Mangueira, bem brasileiro – é uma metáfora. Primeiro vem a ideia. Depois trabalho a ideia.

Marcelo Asth – O que é a presença na performance?

Teresinha Soares – Confiança em mim. Se eu pegar uma pessoa pra fazer aquilo que quero, não dá certo. Eu que era a personagem principal. (*risos*) Sempre fui ousada, sempre fui muito crítica, sempre gostei de rir de mim, rir das minhas bobagens, então acho que sou muito autêntica, não tinha medo, confiava em mim e achava que o que eu fazia estava bonito.

Marcelo Asth – E onde está o poder da performance?

Teresinha Soares – Comunicação, de tocar as pessoas, mostrar uma inovação, uma nova perspectiva. Lançar a dúvida: “Isso é arte?”, “Isso tem valor?” – Era isso o que eu gostava: provocar. Eu adorava! Provocar em todos os sentidos, com audácia através da escrita e nas minhas manifestações e na minha presença. Sempre falei o que queria, conversava com os homens, dava opinião e não estava nem aí. No *Túmulos*, tinha uma gaveta com um formato de coração e um queijo com faca e garfo. No Rio de Janeiro, eu tenho fotos das pessoas comendo com tanta avidez, que saiu no jornal, na primeira página: “Artista tira queijo e linguiça do túmulo: Somos antropofágicos?”. Na primeira página. Em São Paulo, levei a minha *Caixa de Fazer Amor* para a Hebe, ela fez uma apresentação num palco, num teatro... Não era formada em arte.. Nem galeria eu tinha que pudesse me ajudar.

Marcelo Asth – Envelhecer é uma performance?

Teresinha Soares – Envelhecer não é uma performance, é uma realidade. É a lei natural. Eu não tenho projetos de vida, sou capricorniana, as coisas parecem que vêm na minha vida, elas acontecem. Eu fui Miss Araxá, que pertencia ao Triângulo Mineiro, e foram me convidar pra ser candidata a vereadora. Eu fui a primeira vereadora mulher eleita na Câmara de Araxá. Diziam: “Quando a Teresinha chega, todos os membros se levantam!” (*risos*). Era uma performance, não é?

Marcelo Asth – Você é uma vanguardista na performance, na vida, na arte, na política...

Teresinha Soares – Era mesmo! Olha, eu fui a quarta vereadora mais bem votada, deixei muito político para trás na minha primeira vez. Eu fui de casa em casa, não gastei um tostão. Foi campanha boca a boca. Depois o Juscelino me conheceu e me propôs um trabalho na Caixa Econômica. Fui a primeira mulher no meio de bancários, não tinha mulher trabalhando em banco. Eu tinha meu carro, dirigia, viajava sozinha, morei no Rio 5 anos, andava de bicicleta, nadei... fui menina do Rio. Dos 10 a 15 anos. Depois voltei para Araxá.

Marcelo Asth – A sua *Caixa de Fazer Amor* tem alguma relação com as caixas/*boxes* do Movimento Fluxus?

Teresinha Soares – Minha caixa foi uma brincadeira que fiz e mandei pro Rio pra uma exposição na Petite Galerie, uma exposição de caixas, *Box-Form*. Foi em 67, 68... tem relação e assim começou.

Marcelo Asth – A vida é uma construção política e a linguagem da performance também é uma atitude política. Viver é performar?

Teresinha Soares – Tem que ter coragem, ter que ter ideias. Aquele espírito de vida que é tão maior que a gente, esse sentimento de vida dentro da gente, que ele extrapola. E parece que ele mesmo já indica que a gente não escolhe, a gente é escolhido. (...) Não acredito em livre arbítrio. Acho que tudo é encaminhamento. Então a vida é uma performance e eu sempre fui performática.

Marcelo Asth – Quais obras suas dialogam mais com a tema da finitude e da velhice?

Teresinha Soares – O que significam os *Túmulos*? Por exemplo, fiz uma apresentação. Produzi um disquete e além do disquete, eu falava: "A gente não sabe o que será amanhã. Mas se houver o amanhã?". Eu acho que a velhice... vai fazer agora um ano que meu marido morreu... fiquei 5 anos com ele em casa, foi aquela derrocada, pouco a pouco, sua dificuldade de se lembrar e eu participando. Ele brincava: "Teresinha, será que quando eu morrer, você vai chorar?". Eu brincava: "Você quer que eu chore?". Mas ele morreu deitado, dormindo, às 3h da manhã. Fizemos a limpeza no corpo, colocamos a roupa, um lençol bonito. Para que gritar, chorar, chamar o filho? Nem meu filho que dorme lá em casa eu não acordei para falar que o pai tinha morrido. É a aceitação da vida. Já fui jovem, já fui bonita, já fui desejada. Eu gosto de dizer assim: como mulher, tive todas as oportunidades, de ser eu mesma, de ser feliz, de me realizar... fui apaixonada, conheci paixão. A minha vida foi muito bacana. E agora, com 89, fazendo breve 90, eu tenho um carinho tão grande por aquela Teresinha que acabou, que já passou. É como se eu fosse mãe dela. Esse é o sentimento que tenho. Às vezes eu fico em casa olhando os meus trabalhos e falo: "Teresinha, como você teve coragem de fazer isso?" Eu acho tão bonito! Eu tenho umas obras na parede, gravuras que nomeei *Um homem e uma mulher*, de 1967. Estão na minha sala de televisão. E fico pensando: "de onde foi que tirei essa ideia? Hoje não conseguiria fazer isso, não!". Por causa da minha idade, eu já tenho preguiça, não tenho aquele afã, não posso comparar, aquela época era uma coisa fora do comum. Eu fazia

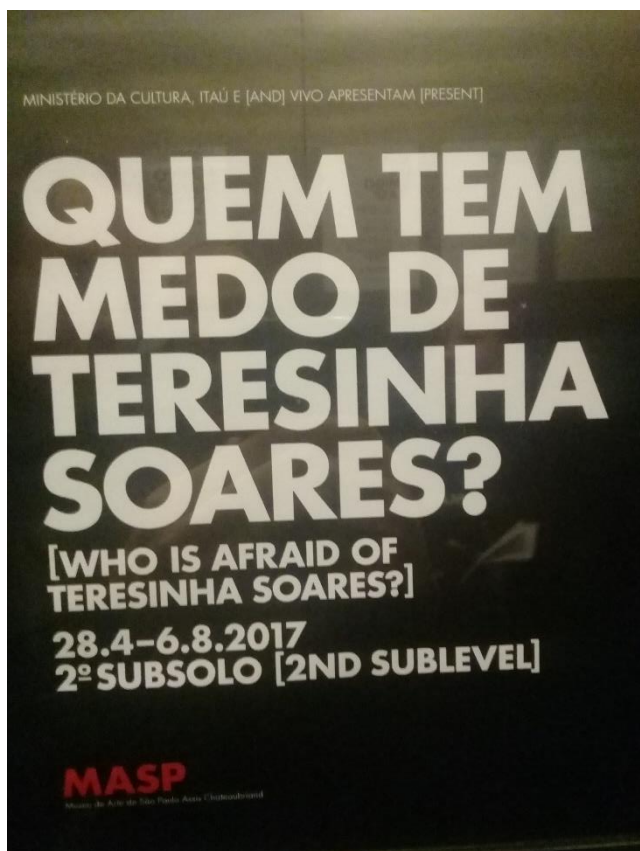
tanta coisa de uma só vez. Quando começava a desenhar desenhava logo vinte de uma só vez num dia. Ficava a noite inteira trabalhando. Não sinto mais vontade, só sinto carinho e emoção quando vejo meus trabalhos, eles me tocam, eles vão ficar, vão permanecer. Quando no dia de ontem morreu o Ivald Granato, estávamos vendo televisão... eu brinco muito com a morte, sabe? Aí meu filho escutou na televisão falando assim: "Morreu um dos primeiros performáticos do Brasil". E eu disse: "Olha, o mesmo vão falar de mim quando eu morrer também!" Eu converso muito com meu filho sobre a morte, deixo tudo organizado, me preocupo com o dia a dia. A morte é a finitude do corpo. Se a alma existe ou não existe eu não sei, eu leio muito sobre física, me interessa muito o cosmos. No começo era assim, só existia a Terra e o Céu sobre ela. Depois veio o Homem. Descobre-se que há mais coisas no Céu. A Terra considerada o centro do Universo, cede seu lugar ao sol. Não existe vazio, existem prótons, átomos, e o que temos dentro da gente, essa energia, ela também é matéria. Essa energia que é sentimento, acredito eu será reaproveitada.. Eu adoro essas coisas. Eu tenho curiosidade de saber o futuro. Gostaria de voltar, daqui a duzentos anos, para ver como será o amanhã. O que estará fazendo o homem, qual sua a cabeça? Surpreende-me o que hoje o computador faz por nós. E impressionante. Não vivo mais a pintura. Vivo o momento presente. Apesar da idade, eu estou ainda aqui. Estou vendo o que está acontecendo, eu estou participando, eu estou sentindo... não posso fazer nada, mas pelo menos, eu estou sabendo. Tenho consciência do presente.



Marcelo Asth – Eu trouxe uma proposição artística de minha parte para você. Te apresento os elementos e deixo você à vontade pra tirarmos uma fotografia sua com alguns elementos que dialogam com a sua obra

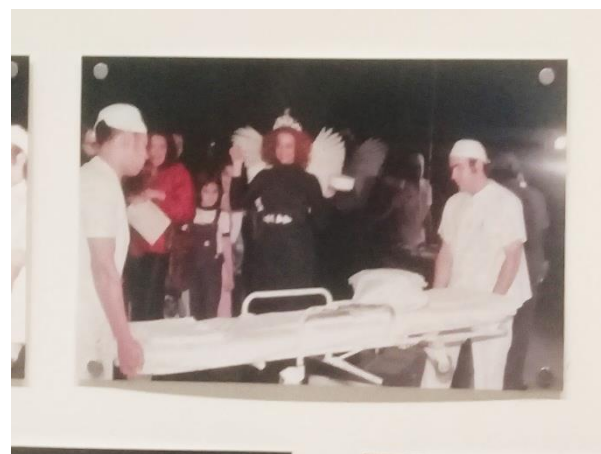
(ofereci à Teresinha um par de asas de anjo, uma coroa e penas – como alguns elementos referentes à sua performance Ressurreição. Teresinha se posicionou e depois tiramos a fotografia para marcar essa entrevista com um registro performático deste encontro).

Fotografias tiradas por mim na exposição *QUEM TEM MEDO DE TERESINHA SOARES?* no MASP, com curadoria de Rodrigo Moura e Camila Bechelany. Dia 20 de junho de 2017, quase um ano depois da realização dessa entrevista.



Acima, cartaz da Exposição no MASP.

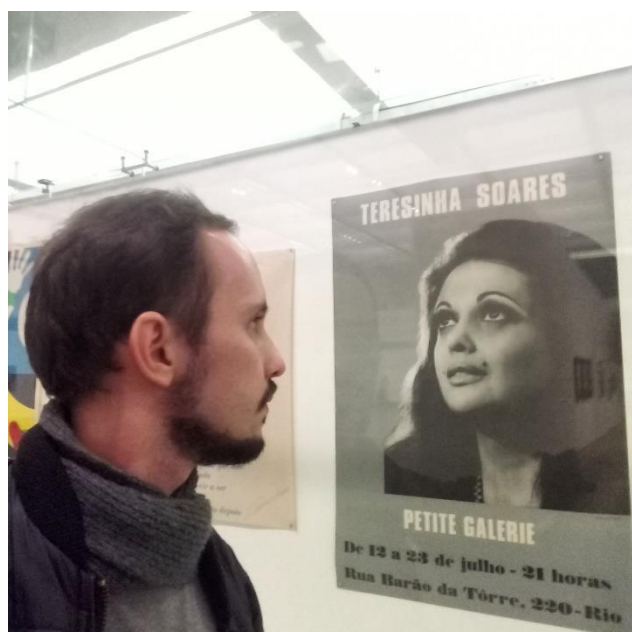
Os demais registros que fiz são de fotografias de acervo da artista expostos no MASP, que registram a realização de sua performance *Ressurreição*, a terceira etapa da obra *Túmulos* (1973).



PERFORMANCES

Esta vitrine reúne documentação fotográfica de quatro ações performáticas realizadas por Teresinha Soares entre 1971 e 1973, todas elas em inaugurações de exposições das quais ela participou. A primeira delas, *Um-dois feijão com arroz, três-quatro farinha no prato, cinco-seis sal, sol e areia (Bandejas)* (1971), parte de uma escultura participativa com areia, alimentos e figuras femininas recortadas em madeira e metaforicamente oferecidas para a degustação do público. Na montagem original, pintinhos ciscavam sobre uma bandeja de fubá, e um garçom oferecia amendoim em uma das bandejas. Em 1972, Soares iniciou a trilogia *Túmulos (Módulo I, Vida), (Módulo II, Morte) e (Módulo III, Ressurreição)* (1972-73). Na primeira parte, apresentou uma escultura com o formato de um túmulo, cujas gavetas continham linguiça e queijo de minas. Um poema impresso em papel-jornal era distribuído ao público, e esse texto era lido em voz alta por Soares, cuja atuação era como a de uma espécie de mestre de cerimônias. Um garçom servia chope tirado de uma torneira acoplada a um crucifixo sobre a lápide, na qual se lia "Plantaram-me alfaces e eu as comi todas", assinado com o nome da artista. Na segunda parte da performance, a artista esperava o público coberto pelos cartazes que continham o poema impresso, como um cadáver abandonado, e cabia a eles descobri-la. Na terceira parte, ela se apresentava como um anjo na galeria, e a ação terminava com uma dupla de enfermeiros que recolhia a linguiça em uma maca e a transportava para uma ambulância estacionada na rua.

Acima, texto descritivo da realização de Teresinha Soares na performance - exposição de documentação na mostra *Quem tem medo de Teresinha Soares?*, no MASP.



selfie que tirei com Teresinha em outro tempo.

Meus agradecimentos a Teresinha Soares e Carmela Soares, sua filha e minha sempre mestra, que tornaram possível este encontro para a realização da entrevista como conteúdo de pesquisa de meu doutorado. Assim como também material disponível para consulta de outras pessoas que queiram buscar mais informações sobre a vida e obra desta grande artista brasileira.

Visite o site:

www.projetoperformancia.com